

Obs: As notas de rodapé são observações da tradutora.

MILTON GURAN - Estamos em 19 de setembro de 1995, em Cotonu, na casa do senhor Alfred Vieyra, onde viemos com seu primo, Leon Vieyra, então em 19 de setembro de 1995. Senhor Vieyra, o senhor é comerciante, não é?

ALFRED VIEYRA - Sim, sou comerciante.

MG - E o comércio do senhor é mais do quê?

AV - Eu fazia importação e exportação, mas muito mais acentuado sobre a importação. E eu trabalho com os países europeus. A França, a Alemanha, a Holanda.

MG - O senhor tem filhos?

AV - Sim, tenho filhos, tenho quatro.

MG - Eles têm que idade?

AV - O mais novo tem 15 anos.

MG - Ele já é um juvenzinho.

AV - Já é um juvenzinho. Ele está no colégio. Acho que a última deve ter 5 anos<sup>1</sup>.

MG - No colégio. Eles estão no colégio católico, público, ou em que tipo de colégio?

AV - Ê... Colégio público, público.

MG - Bom, nós estávamos falando dessa história da cultura brasileira. O senhor, o senhor é brasileiro, como é que o senhor se sente com relação aos outros? Existe ser brasileiro hoje no Benim?

AV - Ê... Nós nos sentamos e as pessoas nos consideram enquanto tal. Mas a diferença não é muito perceptível. Porque, no cotidiano, nós temos mais ou menos os mesmos hábitos. Mas nós temos... Têm certas particularidades que diferenciam aqueles aqui que têm nomes brasileiros das outras famílias que não são. Que não são. De fato, nós não nos incomodamos. Nos chamam de brasileiros e aqui a apelação é agudá, agudá<sup>2</sup>. É esse o nome, agudá brasileiro evoca uma certa cultura, era uma cultura importada. Uma cultura importada, que era um pouco diferente das culturas tradicionais que existiam, está aí.

---

<sup>1</sup> Talvez ele tenha se confundido, e o mais velho tem 15 anos.

<sup>2</sup> Em francês "Agouda".

MG - Tem um beninense Vieyra, o general, senhor Désiré. Ele fez o encerramento de um colóquio da Unesco, em Uidá, no ano passado. E em seu discurso no encerramento, eu posso dizer, ele disse justamente assim. É um colóquio sobre a rota dos escravos. Então tem: “É mesmo notável que eu, um filho de escravo que se chama Vieyra, represente a República nesse ato de encerramento de colóquio sobre a escravidão”. Então, ele reconheceu sua condição de existência. Essa situação é bem presente? Quer dizer que todos os brasileiros, em geral, eles têm consciência disso? Eles reconhecem, ou tem brasileiros que dizem que, não, isso não é assim, eles não são filhos de escravos. Ou como é que isso se vê na comunidade brasileira, essa situação?

AV - Sim, é preciso vos dizer que, finalmente, nós reconhecemos que somos escravos. Nossos pais foram para o Brasil porque vieram buscá-los à força, para ir trabalhar. Então, os barcos chegaram à costa, eles os levaram à força para trabalhar lá. E depois da abolição da escravidão, eles voltaram para suas terras. Aliás, aqueles que sobreviveram lá voltaram para seus países natais. E, a partir desse momento, eles se consideram escravos. E quando nos chamam de escravos, isso não nos incomoda. Nós não fazemos sangue ruim. Muito ao contrário. Nós fomos escravos, mas nós trouxemos assim mesmo certas coisas de lá. E nós deixamos igualmente uma cultura lá. E digamos que isso só faz glorificar as duas partes. Então, não nos incomoda em nada nos chamarem de escravos.

MG - Com relação ao Brasil atual, o senhor se sente próximo desse Brasil, que ganhou a Copa do Mundo, por exemplo?

AV - Ah, sim. Digamos que nós nos distanciamos um pouquinho do Brasil. Porque desde os nossos pais, o contato se rompeu. Desde que nossos pais foram embora de lá, e eles retornaram à sua terra natal, o contato se rompeu. Então, se esse contato fosse permanente, se fosse mantido, alimentado, então nós teríamos uma ligação em relação ao Brasil e nós teríamos um sentimento muito mais forte, mais forte, pelo Brasil. Então, como nós voltamos à nossa terra natal, nós somos muito mais sobre nosso território. E então, entre o Brasil e nossa pátria, é nosso país, nosso Benim hoje, nós somos mais próximos do Benim do que do Brasil.

MG - Diga-me uma coisa, o senhor é católico?

AV - Sim, sou católico.

MG - Lá também, a grande maioria é católica. Em nossos *business*, no mundo dos *business*, dos negócios, serve para alguma coisa, para o senhor, ser brasileiro? Ou: tem uma diferença em ser brasileiro, ou nenhuma?

AV - Euh, é isso. O fato de ser brasileiro ou o fato de ser liberto do Brasil, isso não tem nenhum impacto sobre nossas atividades comerciais. Nenhum impacto. Então, isso não breca, não impede nosso comércio de uma maneira ou de outra.

MG - Os brasileiros em geral fazem negócios juntos? Os brasileiros têm preferência em fazer negócio com outros brasileiros? Porque, por exemplo, sabemos que as pessoas que

vivem no mesmo vilarejo ou da mesma região, elas fazem mais negócios juntos. Se alguém vem de Allada e diz, é meu primo, vamos assinar um acordo. Com os brasileiros acontece isso ou não?

AV - Euh, digamos que as ocasiões são um pouco raras. As ocasiões são raras. Se essa ocasião se apresentasse, sobretudo que nós temos ligação histórica com o Brasil, então, seria bem mais preferível. Bem mais. Digamos que teria um sentimento naquilo que faríamos. Porque, se nós temos um brasileiro e que somos ligados por esta história do Brasil, o contato é muito mais próximo. A confiança se estabelece rapidamente. E os negócios podem frutificar. Porque nós, digamos que nós somos os mesmos. E quando somos os mesmos, o senhor vê, as pequenas dificuldades que poderiam surgir, elas praticamente não existem. Então, nos fazemos muito, nos fazemos mutuamente confiança, e os negócios podem prosperar. Mas até esse momento em que eu falo, eu, eu não tive ainda a ocasião de encontrar um brasileiro com o qual eu fale assim. É para mim a primeiríssima ocasião. Porque nós temos... Nós gostaríamos muito de visitar esse país, o Brasil, onde nossos pais foram trabalhar, voltaram com certa civilização que estamos propagando hoje, transmitindo a nossos filhos. Dizemos a nossos filhos que somos brasileiros, portugueses, e assim por diante, temos sempre isso em mente. Mas o fato de não termos um contato permanente com esse país aí, é igualmente uma falta nossa.

MG - É verdade, espero que num futuro próximo tenhamos muitas possibilidades de fazer trocas. Certo instante o senhor dizia que falando com as crianças dessa cultura brasileira, eu gostaria de compreender como agora essa cultura brasileira, digamos brasileira, é transmitida. Quando o senhor fala com seus filhos de tudo isso, o que o senhor diz? Como se passam essas coisas aí?

AV - Sim, quer dizer que quando falamos com nossos filhos, nós lhes fazemos compreender primeiro, euh, que eles são brasileiros, quer dizer, que eles vieram dessa família chamada geralmente de agudá, em nosso patoá. Então, somos originários dos agudás. E partindo desses princípios, nós temos certa maneira de fazer e que são próprias aos brasileiros, aos agudás. Sobretudo nos pratos que nós preparamos, nós temos pratos, nossos pais importaram certos pratos, que são pratos próprios dos brasileiros. Por exemplo, tem a feijoada, tem a *sarabouilla*, e outros cujos nomes me escapam<sup>3</sup>.

MG - Tem o cozido.

AV - Esse cozido nós não conhecemos. Mas, quando temos uma manifestação, são esses pratos aí que vêm mais no espírito. E nós buscamos necessariamente a preparar para nossos convidados, para lhes fazer entender que nós, nós viemos de outro lugar, e temos uma civilização que é própria nossa.

---

<sup>3</sup> Todo o parágrafo foi destacado com um traço vertical, pelo pesquisador.

MG - Bom, vamos retomar com “essa civilização que nos é própria”, como o senhor disse. Aqui, os agudás, falamos de pratos, e de uma civilização que nos é própria, de uma maneira de ser. O senhor pode me dar exemplos, assim, dessa maneira de ser própria aos agudás? Por exemplo, nas saudações, sabemos que os agudás não se agacham e que eles se cumprimentam com beijos. É isso que dizem.

AV - Efetivamente, é isso que o senhor acaba de dizer aí. E depois, pelas minhas informações, quer dizer, o que eles nos trouxeram, nossos avós, é preciso dizer que eles trouxeram essa civilização, e que eles a conservaram aqui. Então, quando um menor se encontra diante de um mais velho, para saudá-lo, ele não precisa se abaixar, mas ele beija o verso do seu dedo. E devemos dizer a *abaissi*, *abaissi*<sup>4</sup>. Então, nossos avós utilizam expressões brasileiras.

MG - Por exemplo?

AV - Bom, eu, eu não conheço muito. Mas de acordo com a história, existe... Eles falavam mesmo a língua, os primeiros pais, ou seja, nossos ancestrais que tinham chegado aqui, eles falavam a língua. Eles se comunicavam entre si com a língua brasileira. Então, eles tinham... Eles eram muito ligados a essa cultura de lá. E eles tinham, eles queriam muito desenvolvê-la aqui. Mas o sistema no qual nós vivemos, não deu, não permitiu o desenvolvimento dessa cultura. E é preciso igualmente dizer que o Brasil, desde que ele libertou seus escravos, ele não os seguiu para manter, para conservar a cultura que ele lhes tinha dado no início. Porque, por exemplo, criar uma escola brasileira, euh, uma escola gratuita, a gratuidade do ensino brasileiro, isso não existe. Ora, são coisas que em nossos dias, se isso existisse, nós poderíamos casar os dois ensinos, o ensino francês e o ensino brasileiro, como uma segunda língua.

MG - O senhor sabe que a primeira escola aqui do Benim era uma escola brasileira, para aprender o português, em 1720, por aí? E quando os franceses vieram, eles queimaram tudo, eles obrigaram a fazer a escola em francês, é assim que as coisas mudaram. O senhor participa de festas brasileiras, como o Bonfim<sup>5</sup>, a *bourian*, e tudo isso, não?

AV - Sim, é o que eu ia dizer agora, nos pratos, nas manifestações culturais, são essas festas aí que... Esses folclores aí que nos interessam e que nós fizemos uma manifestação da última vez, uma festa comemorativa de nossos ancestrais e consoantes, então, para lembra-los um pouco. Então, nós fizemos o folclore da *bourian*. E é atualmente, eu acho, o único *tam-tam*<sup>6</sup> que é muito conhecido aqui, a *bourian*. Então, tem os agudás, é unicamente os agudás que fazem isso. E é um *tam-tam* que agrada os outros que não são agudás e que os fazem brincar também. Então, atualmente, o *tam-tam bourian*, isso sai um pouco do quadro dos Agudás para ir em direção às outras culturas também. Porque a música, o ritmo, tudo isso, é bonito de ver. O ritmo, os gestos, é bom de ver, e depois, o ritmo é bom de ouvir.

---

<sup>4</sup> A palavra foi transcrita como “abaissi”, à francesa, mas se pronuncia “abessi”, podendo ser uma derivação de “a benção”.

<sup>5</sup> No manuscrito foi transcrito “Monfin”, mas trata-se certamente do Bonfim.

<sup>6</sup> Talvez *tam-tam* seja ritmo ou percussão.

MG - Essa ideia de grupo brasileiro, de comunidade, isso tem um papel também na política? Quer dizer, os agudás votam mais nos agudás ou não tem essa ideia aí?

AV - Não, não tem essa ideia não. Quer dizer que nós nos reencontramos no nível do *savoir-faire*<sup>7</sup>, e no nível de certos comportamentos. No nível de nossa cultura, e igualmente no nível das atividades comerciais. Porque a maior parte dos agudás, mesmo quando eles são funcionários, eles preferem ter algumas atividades paralelas, atividades comerciais. Porque nossos escravos que vieram de lá, antes de chegar sobre essa costa, no início, eles faziam comércio ao longo da costa, antes de virem se instalar definitivamente.

MG - Entendo. Bom, então estávamos falando dos ancestrais do senhor.

AV - Então, digamos que a família Vieyra tem assim mesmo uma origem, nós sabemos que o nome Vieyra não é um nome africano, é um nome brasileiro, que veio do Brasil. No início, era na época da escravidão, as pessoas vieram capturar nossos ancestrais. Então, o primeiro ancestral que deixou a terra africana com destino às terras brasileiras, ele se chamava Gouyé. Ele era originário de Bida, é uma cidade nigeriana, situada na beira do Niger, na beira do rio Niger, e a religião que ele praticava na época era o islamismo. Ele era muçulmano e ele tinha como sinal racial sobre as bochechas longas cicatrizes do lado de cada narina, e que lembravam as cicatrizes dos Baribas<sup>8</sup>. Porque essa região aí faz fronteira com o Norte Bariba, então eles tinham certas civilizações comuns. E a língua falada é a takpa. Chamamos de takpa.

MG - Mas atualmente vocês, da família, falam o nagô.

AV - Sim, nós falamos o nagô. A maior parte da família Vieyra, tudo isso aí, compreendem o nagô. Eles compreendem nagô.

MG - Então, a língua era o takpa.

AV - Sim, a língua takpa. E nos louvores nos chamam de filhos de Takpa. Um filho de takpa.

MG - Nos louvores da família do senhor?

AV - De nossa família. A família Vieyra. É para dizer que nossa origem, o ponto de partida, é Takpa. Então, Gouyé, foi ele realmente o ancião, o ancestral, e ele tinha entre seus filhos o filho mais velho que chamava Mama. Então o nome Mama é um nome puramente muçulmano. Então, ele, é ele que partiu para o Brasil.

MG - Mama.

AV - Sim, Mama que partiu para o Brasil. E de que maneira? Porque tem outros irmãos. E eu não sei, ele não era amado de seus irmãos. Não sei se tem relação com seu

---

<sup>7</sup> *Savoir-faire*, know-how.

<sup>8</sup> Bariba é um grupo étnico oeste-africano, localizado principalmente ao sul dos Gurmas e ao norte do território dos Iorubás, no atual Benim.

comportamento, suas maneiras de fazer, então seus irmãos não gostavam dele, e eles se uniram contra ele para mandá-lo para outro lugar, então, para vendê-lo aos navios negreiros.

MG - Então, estávamos dizendo que ele não era amado por seus irmãos.

AV - Ele não era amado por seus irmãos, então eles se uniram contra ele para vendê-lo aos navios negreiros. Então, eles fecharam o negócio e o levaram à força sobre o navio. Nós não temos nenhuma ideia da idade. Ele era grande, era velho. Então, ele foi transportado para o Brasil, e mais precisamente, ao Rio de Janeiro. E lá, ele foi vendido para um rico agricultor católico, originário do Portugal, mas que vivia no Brasil e tinha o nome de Vieyra. Então, não conhecemos a idade exata de Mama. Ele tinha idade avançada. Então, a idade não permitia mais que ele trabalhasse na plantação. E como ele era um homem dócil, seu patrão ganhou muita estima por ele. E ele o guardou em casa, como doméstico, perto dele. Então, ele não fazia muitos trabalhos domésticos que exigissem esforço físico. Assim, como lá o mestre era católico, ele era muçulmano, e como ele não podia sair por aí com esse nome com ele, ele o fez batizar com o nome de Sabino<sup>9</sup>.

MG - Sabino.

AV - Então, ele lhe deu o nome católico Sabino, e a partir daí ele tornou-se Sabino Vieyra. E foi seu próprio mestre que foi seu padrinho. Quer dizer, o Sr. Vieyra que era seu próprio padrinho. Então, as coisas estavam assim quando a abolição da escravidão aconteceu. E depois, então, levando em conta os serviços que ele tinha prestado ao seu mestre, porque ele foi dócil, e em recompensa de tudo isso, seu mestre lhe deu em casamento sua filha, sua própria filha, nós não conhecemos o nome da filha. Então, eles deixaram o Brasil com destino à África.<sup>10</sup>

MG - Ele e sua mulher.

AV - Ele e sua mulher. E chegando aqui, eles fizeram escala em Accra, e ele se meteram no comércio. Eles começaram fazer comércio. E eles estavam em contato com o Rio de Janeiro. Então, eles vendiam pérolas. Eles compravam no Rio de Janeiro e vinham vender em Accra. Então, foi assim que eles começaram. E o comércio deles frutificou e se estendeu ao Daomé, na época, quer dizer, à Uidá, à Calavi e a Porto Novo. E nessa época aí, quando eles chegaram à Uidá, não tinham casa. Então eles vieram morar perto de um amigo que se chamava Gbétí. Então, Gbétí<sup>11</sup> lhes aconselha de se instalarem definitivamente em Uidá. Então, ele [Sabino] deve ter refletido bastante tempo antes de aceitar a oferta. Então, foi assim que Gbétí lhe deu um espaço, um domínio perto de sua casa, para que ele se instalasse e fizesse seu comércio lá. Então, foi assim que ele se instalou lá, construiu sua casa e começou seu comércio. Mas a tristeza é que sua mulher não tinha nenhum filho dele até então. Então, a mulher

<sup>9</sup> O nome foi destacado pelo pesquisador.

<sup>10</sup> Todo o parágrafo foi destacado pelo pesquisador.

<sup>11</sup> As duas palavras foram selecionadas pelo pesquisador, que colocou um ponto de interrogação ao lado.

consumiu um fruto, um fruto que chamamos *assouinsouin*. É um fruto com casca preta aveludada. É um fruto pequeno. Então, a mulher consumiu e ela teve um mal estar e morreu, sem ter lhe dado um único filho. Então, é isso que explica que os Vieyra não são mestiços. Nós, os Vieyra, não somos mestiços, não somos de tez clara e [?] <sup>12</sup>, de tez bronzeada. Se essa mulher lá tivesse realmente tido filhos nós seríamos verdadeiros mestiços. Então, quando a mulher morreu, Sabino pegou outra mulher, uma nigeriana de Lagos, que lhe deu filhos. O primeiro filho que ela lhe deu era uma mulher, de nome Mariana, e o segundo, Martin, o terceiro Sébastien. Então, esses aí - Mariana, Martin e Sébastien, eles falam português. Eles se exprimem em português. Eles tinham realmente uma civilização portuguesa, um comportamento português. Esta aí um pouco a história da família. Mas nós, evidentemente, o que acontece, isso não dá lugar a um problema, porque atualmente a família Vieyra se escreve de dois modos, tem Vieyra com “y” e tem Vieira, com “i”. E fizemos algumas pesquisas nesse sentido, para ver se Vieyra “y” e Vieira “i” eram os mesmos. E segundo as respostas que obtivemos, os Vieyra “y” e “i” eram os mesmos. São os mesmos descendentes. Então, a escritura, talvez ligado ao momento de escrever a certidão de nascimento, é talvez aí que o administrador que estava lá escreveu da maneira dele. Então, aí está, grosso modo, bastante simplificada, juntada a história da família.

MG - Essa história o senhor conhece porque o pai do senhor, o avô, contou, ou essa história ela aparece também nos louvores da família?

AV - Sim, essa história existe há muito tempo. Então, é uma história escrita por nossos avós.

MG - Tem escrito?

AV - Tem escrito.

MG - O senhor tem esse documento escrito?

AV - É um pequeno documento. É só uma folha. Então, nós estamos fazendo um trabalho pouco a pouco, para melhorar e completar certas insuficiências.

MG - Estou muito interessado pela história dos louvores. Antes de entrar nos louvores, o senhor mesmo, o senhor é do ramo Sébastien, ou do ramo Martin?

AV - Eu sou do ramo Martin.

MG - Martin.

AV - Sim.

MG - Então, o senhor Martin, o que ele era do avô do senhor?

AV - Martin é meu ancestral.

---

<sup>12</sup> No manuscrito foi transcrito: “Nós somos de tez clara e [palavra com caligrafia incompreensível]”. Mas não faz sentido a frase “nós somos de tez clara” visto que ele acaba de dizer que não são mestiços.

MG - Sim, mas em que grau? Era o pai do senhor, o avô? O ancestral do senhor é o seu bisavô?

AV - Ele é meu bisavô.

MG - Ele é o pai do avô do senhor.

AV - Ele é o pai do meu avô.

MG - Então, vamos tentar fazer uma questão de data. O senhor nasceu nos anos 1940.

AV - Sim.

MG - Quando o senhor nasceu, o seu pai, ele tinha que idade? O senhor sabe?

AV - Eu não sei. Sei que meu pai é de 1908.

MG - Então o seu pai é de 1908. Isso faz mais ou menos 40 anos.

AV - Sim.

MG - Seu pai, ele, então, quer dizer que o seu avô é de 1860.

AV - Mais ou menos isso.

MG - Mais ou menos, Martin é de 1820. É muito longe isso.

AV - É muito longe.

MG - É muito longe. O senhor tem certeza que Martin é o bisavô do senhor, não o avô?

AV - Não, não, não é meu avô. Teve uma grande revolta de escravos islamizados no Brasil. E muitos escravos islamizados foram presos e eles eram largados e enviados à África.

MG - Ah, bom. Talvez o ancestral do senhor, ele não veio depois da abolição da escravidão. Eu vou explicar rapidamente. Primeiro, a abolição da escravidão foi em 1888. Isso quer dizer, uma quinzena de anos antes do nascimento do pai do senhor. Mas a abolição da escravidão no Brasil foi feita em várias etapas. Por exemplo, em um momento dado, fizeram a Lei do Ventre Livre. Isso quer dizer que todo africano ou não, negro ou branco ou mestiço nascido no Brasil estava livre. Não tinha possibilidade de se nascer escravos no Brasil. Mesmo se os pais eram escravos. E então, teve muita e muita gente que nasceu livre no Brasil, mas eles não tinham direito de ir embora. Então, eles ficavam na casa do mestre deles, e quando eles cresciam um pouco eles diziam: “Mas eu não sou escravo, eu vou-me embora, eu volto para a África”. E fizeram outra lei que chamaram de Lei do Sexagenário. É uma lei que se aplicava então, lei do mundo, quer dizer, o escravo trabalhava toda a sua vida e quando ele chegava à idade da aposentadoria, eles diziam: “Ah, você não é mais escravo”. Porque com sessenta anos ficava-se livre, liberto. E isso permitia aos mestres dos escravos os colocarem na rua. Porque a escravidão custa dinheiro, é preciso pagar a comida, é preciso vestir, dar um



teto. Quando ele tornava-se liberto, o jogavam na rua. É então que esse escravo aí, na rua, ele às vezes voltava para a África. “Para ficar na rua aqui, eu volto para minha terra, para morrer em meu país”. Então, tem vários casos diferentes. Tem também o escravo que chegando lá, trabalha muito e que ganha dinheiro e que pode comprar sua liberdade. Porque tinham vários casos de figura. Por exemplo, os avós são muito ricos, tem uma plantação com 150 escravos. Mas sua descendência gasta o dinheiro, não fica atento para a plantação, e em uma trintena de anos não tem mais plantação, mas tem ainda algum dinheiro de lado e uma casa na cidade. Então, os netos estão na cidade, eles têm um pouquinho de dinheiro, mas eles não têm mais a plantação. Mas eles gastaram o dinheiro e em uma trintena de anos. O que eles têm? Eles têm a casa e alguns escravos. Porque o escravo, ele não tem filhos. Então, ele tem ainda o escravo e tem esse escravo aí que está na família há três gerações e que cresceu com ele, e é esse escravo que trabalha, porque ele, o mestre, não faz nada. E então, ele diz ao escravo: “Sabe, você vai fazer o mercado, você vai vender as coisas, você vai trabalhar ou você vai comercializar, você se ocupa disso”. E então o escravo trabalha e ele divide o benefício com o escravo. Ele diz ao escravo: “Certo, você vai me dar 70% do que você ganha, isso é meu. Mas você trabalha 30 anos. Depois você está livre”. Então, tem vários casos assim. Então, talvez o ancestral do senhor, ele caiu num caso assim. Não exatamente a abolição da escravidão. Eu acho que isso pode ser assim, era a abolição da escravidão dele. Ele encontrou uma maneira de ser liberto, ou ele talvez, comprou [sua liberdade], ou bem, no momento de morrer, muitos mestres de escravos deram a liberdade aos escravos domésticos mais velhos. Os escravos que tinham já 50 anos, no momento da morte, o mestre os chamava e dizia: “Sabe, você me serviu durante muito tempo, agora você está livre, eu te dou um pequeno presente”. No momento de morrer ele fazia isso. Porque isso também é uma maneira de livrar a família daquele escravo que vai ficar muito velho e não pode mais trabalhar. Você entende? Porque os mestres de escravo têm sempre o dinheiro em mente. São desses que não pensam em outra coisa além dos benefícios e lucros. Então, tem tudo isso. Talvez o ancestral do senhor estivesse dentro disso. Bom, esse ancestral aí, ele veio. E o pai do senhor, como se chamava?

AV - Théodore.

MG - Théodore. E o avô do senhor?

AV - Justin.

MG - Justin.

AV - Mas ele usava Justino.

MG - Ah, Justino! É um nome totalmente brasileiro. É muito interessante, o senhor não fala mais a língua, mas guarda o sotaque. Porque o francês diz Justinô Viêrra, o francês não diz Vieyra. Ele não diz Justino. Então, era Justino, e o pai de Justino era Martin. Muito bem. Depois vamos tentar colocar tudo isso num papel, com os Vieyra. E vamos fazer uma árvore genealógica de tudo isso, com todos os primos. Mas o senhor falava agora pouco de louvor. O que são os louvores?

AV - He, os louvores... É... Nós os praticamos sempre no momento das saudações, e esses louvores evocam geralmente as origens do homem ou da mulher que saudamos. He, por exemplo, entre nós dizemos *Omontakpa*, o filho de Takpa. *Omonkolénkpe*, *Omongodo*, *Omonerankyayo*. Então, isso é nagô. Então, quer dizer que é estritamente ligado a nossa origem mesmo, da Nigéria.

MG - Qual é a tradução do que o senhor acabou de dizer?

AV - Omontakpa é o filho de Takpa. Omoerankoyayo, isso eu não conheço as explicações em nagô, mas em fon. Em fom para poder traduzir em francês depois.

MG - Isso é em fom?

AV - Não, Omon, Omoenkoyayo, isso é nagô. Todos os louvores são em nagô.

MG - Então, o senhor conhece os louvores, mas não conhece a tradução.

AV - Talvez eu não conheça a tradução. Tem pessoas que conhecem.

MG - Léon, você conhece o louvor. Você pode repetir o louvor, então?

L - *Omontakpa*, *Omonerankoyayo*.

MG - Eu preciso saber a tradução. Em que momento o Brasil entra nesse louvor. Ele entra ou não entra?

L - É isso, Não, aí o senhor terá as explicações daqui.

MG - O senhor não tem um primo, uma prima, que podem conhecer a tradução?

AV - Sim, eles podem conhecer. Minha irmã, igualmente, pode conhecer. Aqueles que são bem versados em nagô. É um negócio de tradução somente.

MG - Sim, é um negócio de tradução. Se tiver a oportunidade de pedir à irmã do senhor, isso vai me prestar um grande serviço.

AV - Eu vou pedir isso essa noite.

MG - E o pai do senhor, ele era também comerciante?

AV - Ele era comerciante. No início, ele fez várias atividades. Ele era chefe da comuna, então ele coletava os impostos. Depois disso, quando a colonização chegou, a independência, ele se converteu ao comércio. Ele fez um pouco de comércio e depois ele serviu em uma sociedade que chamamos hoje de SONARA, sociedade de promoção de produtos agrícolas. Então é seu... É lá que ele exerceu suas últimas atividades. Depois da aposentadoria, bom, ele ficou em casa.

MG - Ah, claro.

AV - Ele passou seus velhos dias.

MG - Diga-me uma coisa, senhor Vieyra, vamos conhecer a família aqui. Eu não conheço ainda, mas dizem que o senhor tem uma casa familiar muito bonita em Abomé Calavi. Quem construiu essa casa?

AV - Ela foi construída por Justino.

MG - Ah, justamente, Justino, o avô do senhor.

AV - Sim, nosso avô.

MG - Então seu avô, ele se estabeleceu lá em Calavi. E teve algum irmão ou alguém que se instalou em Uidá?

AV - He, eles partiram todos de Uidá. Uidá foi o ponto de partida.

MG - Ponto de partida. Eles eram comerciantes.

AV - Justino era comerciante. Então, ele veio se instalar em Calavi com meu tio Sébastien.

MG - E Martin ficou em Uidá. Ele era comerciante em Uidá também.

AV - Sim, ele era comerciante. Ele devia ser comerciante porque não tinha outra atividade para fazer, além disso.

MG - Porque ele não era alfaiate nem pedreiro.

AV - Não, ele não era alfaiate nem pedreiro. Mas é preciso dizer que ele passou também seus dias em Calavi, hein. Ele passou seus dias em Calavi.

MG - Então é nesse caso que se junta à história que me contaram da diferença entre os Vieyra “y” e os Vieira “i”. É que num momento dado, como tinha um Vieyra em Uidá que fazia o mesmo tipo de comércio, para diferenciar as mercadorias de um e de outro, um dos dois pegou o “y” e o outro o “i”.

AV - O outro pegou o “i”.

MG - “I”, simplesmente. Bom, então aí, é preciso ver como as pessoas de Uidá escrevem. Isso é uma coisa para...

AV - Porque aí nós temos uma versão que, na proximidade das festas, eles fazem pedidos e importações, para poder vender bem. Então, são períodos de pico, períodos de boas vendas. Então a mercadoria chegou com o nome Vieyra. A mesma escritura. Então eles começaram a se disputar as mercadorias. Então, os mesmos irmãos. A mercadoria não tinha...

MG - Sébastien ou Martin.

AV - Eu não sei mais se é...

MG - Mas são dois irmãos. A outra é uma menina. Ela não era comerciante...

AV - Então, eles disseram que, para diferenciar, um escreveu com “y” e outro com “i”. Essa é uma das versões que nós temos tido, igualmente.

MG - É talvez por aí. Diga-me uma coisa, para fechar essa história sobre os Vieyra. O senhor tem quantos irmãos e irmãs?

AV - He, eu tenho três irmãos e três irmãs vivos, nós somos seis.

MG - Então o senhor tem dois irmãos e com o senhor fazem três, e três irmãs. Isso faz um total de seis. Muito bem, eu agradeço ao senhor. Foi muito bom de ter preparado essa exposição sobre a história da família. Isso vai me prestar um enorme serviço.

AV - Bom, eu queria dizer ao senhor, igualmente, que a casa familiar, nós temos duas. Temos a primeira de todas as casas familiares, original mesmo, que é em Uidá. Então, a outra casa é em Calavi. E é lá que nós colocamos nosso museu. Nosso museu está lá e nós temos quase as fotos das grandes figuras.

MG - Ah, eu gostaria muito de conhecer, de ver.

AV - Os Martin, os Justin, dos quais eu falei o nome agora há pouco, cujas fotos estão lá. E a casa está lá evidentemente. A casa já caiu em ruínas. Porque é mal conservada. E faz muito tempo que a casa foi construída.

MG - Tem ainda um pequeno museu lá.

AV - Tem ainda o pequeno museu lá. O pequeno museu está lá. He é isso.

MG - Eu pedi até para o Léon, que prometeu me levar lá, para fazer uma pequena visita. Eu, eu quero visitar o chefe da família que está em Porto Novo, e pedir a permissão. Falar com ele antes, enfim.

AV - Sim, sim.

MG - E depois, eu gostaria bem de ir lá visitar.

AV - Sem problemas.

MG - Isso é muito bom.

AV - Nenhum problema, nós temos as fotos lá, nenhum problema.

MG - A propósito, o senhor diz que vai para Calavi tem???<sup>13</sup> Faz provavelmente um ano. Ele tinha muitos filhos, o Sabino?

AV - Digamos que, esta aí, a diferença é que os nomes que eu tenho aqui são dos filhos de Sabino, mesmo pai, mesma mãe.

---

<sup>13</sup> Pontos de interrogação do manuscrito.

MG - É isso.

AV - Mesmo pai, mesma mãe. Ou seja, irmãos consanguíneos. Então, ele teve filhos de outras mulheres também, que nós não mencionamos aqui.

MG - Eu vejo. É por isso que isso termina um Vieyra com “y” e outro com “i”. Talvez os filhos da mesma mulher de ramo do senhor. Então essa história de “i” é mais antiga. (Risos)

AV - É que tem uma parte que partiu que se escreve com “y”.

MG - Se escreve com “y”.

AV - Eles não são numerosos. O que nós constatamos, é que igualmente, no Brasil, tem os Vieira com “i”. Ou bem, no Brasil..

MG - Sim, tem os Vieira “i” e os Vieyra “y”.

AV - Mas como se explica isso lá, essa diferença de escritura?

MG - Bom, eu não sei em que momento exatamente e porque, se escrevemos de duas maneiras diferentes. O que eu posso dizer ao senhor é que há muito, muito tempo, tem dois ou três séculos, utilizávamos o “y”. Porque o “i” não é tônico. E toda vez que o “i” não é tônico, ele torna-se “y”. Por exemplo, Vi-e-yra. É o “i” que é tônico, do “Vi”. Depois, é o “e” que é forte, tônico. No “yra” ele é pequeno. Toda vez que o “i” está do lado de um “a” ou de um “e”, ele é pequeno é torna-se “y”. Isso é a antiga maneira, a antiga ortografia, a língua de um século atrás. Até o começo desse século aqui. Depois mudamos tudo isso. Porque o uso da língua espalhou-se totalmente. Vieyra podia se escrever com um “i”, que todo mundo lia Vieyra. Se fosse para ler Vieira, precisava colocar um acento no “i”.

AV - No “i”.

MG - Então, nesse século, não escrevemos mais “y”. As famílias que tinham orgulho do nome, preferem guardar sempre o “y”, como um modo de dizer: “Nós somos de uma família muito antiga”, etc. Mas a maior parte das famílias acaba por mudar o “y” por um “i”. Porque, no momento de fazer a certidão de nascimento, é o que o senhor disse os funcionários lá não aprenderam na escola a fazer o “y”. É porque não usamos mais o “y”.

AV - Não usamos mais o “y”.

MG - Está aí. Então ele coloca um “i”. Por exemplo, minha avó, ela escrevia com um “i”, é Vieira.

AV - É isso.

MG - Eu lembro que é com um “i” e não com um “y”. E minha avó era do começo do século. Mas eu nunca vi a certidão de nascimento dela. Talvez nessa certidão de

nascimento esteja marcado com “y” e ela mesmo diz “y”. É uma coisa antiga, eu escrevo com um “i”. E, entre nós, eu acho que é um pouco assim.

AV - Isso evolui.

MG - Isso aí. É mais um negócio de evolução.

AV - É isso.

MG - É verdade que, bom, tem coisas que guardamos. Por exemplo, a palavra Bahia, da cidade da Bahia, se escreve com um “h”, entre o “a” de “Ba” e o “i”, de “ia”.

AV - Sim.

MG - E o senhor sabe bem que é Bahia, que não tem Baya.

AV - É isso, é preciso arrastar [o “i”].

MG - Isso. Ba-hi-a. E, então, isso se escreve ainda assim, até agora, a cidade da Bahia tem bem um “h”. Mas as pessoas que nasceram lá são chamadas de baianos. Quer dizer, da cidade da Bahia. Isso nós não escrevemos mais com “h”. Então, tem “h” na raiz, mas não na derivação. As pessoas de lá, é como dizemos os porto-novenses e escrevemos Porto Novo, escrevemos com um “ano” no lugar de “o”. Mudamos aí. Tem muitos casos assim.

AV - Eu vejo, eu vejo. Então, a mudança já começou quando eles estavam lá.

MG - Lá tem os dois Vieyras, se escreve das duas maneiras. Pode ser também que, como ele tem muitas esposas e muitos filhos, que nasceram de idades muito diferentes, parece que eles iam para a escola no final do século. A escola mesmo mudou. Então, em certo momento, tinha os filhos que ficaram em Uidá que seguiram uma escola, durante que... É por aí. É difícil de saber agora. O senhor já fez o repertório de todos os descendentes, os nomes de todo mundo, e a árvore genealógica? Não, ainda não?

AV - Ainda não.

MG - Isso é interessante fazer, porque é mais fácil ter uma ideia da história. Bom, mas eu agradeço ao senhor, vamos parar aqui essa formidável máquina.